

## A ocupação da idade do bronze final da Praça da Figueira (Lisboa): novos e velhos dados sobre os antecedentes da cidade de Lisboa

RODRIGO BANHA DA SILVA<sup>1</sup>

### 1. Introdução

➤ A Praça da Figueira é na cidade de Lisboa uma das zonas com maior tradição arqueológica, sobretudo mercê dos trabalhos aí desenvolvidos por Irisalva Moita em 1960, quando exumou uma parcela importante de ruínas da Idade Moderna (MOITA 1964; 1993) e, também, pelos achados de época romana reportados pela mesma investigadora (MOITA 1968) que despoletaram, logo de seguida, a escavação em 1962 por Fernando Bandeira do remanescente de três edifícios de uma das necrópoles de *Felicitas Iulia Olisipo* (1962; BRANCO 1961; SILVA 2005).

Que o subsolo desta área da capital deteve igualmente uma ocupação na Pré e Proto-História era algo já sugerido por escassos dados resultantes das escavações de 1962, objecto de notícia por João Luís Cardoso e Júlio Roque Carreira (CARDOSO e CARREIRA, 1997). Estas indicações iriam ser corroboradas pela escavação conduzida sob a direcção do signatário no local, entre 1999 e Março de 2001, ocasião em que se detectaram materiais dispersos e escassos artefactos datáveis do Calcolítico, como, em maior número, das Idade do Bronze e do Ferro. Parte significativa destes elementos foi identificada em formações originadas em datas bastante posteriores, compreendendo os inícios da Época Imperial Romana e a Baixa Idade Média. Contudo, reconheceram-se também duas estruturas negativas de pequena dimensão que equivaliam a contextos datáveis da Idade do Bronze Final, aqui publicados.

Longe de esgotar a matéria, pretende-se somente dar a conhecer a existência de uma ocupação com aquela cronologia na Praça da Figueira, os elementos materiais mais significativos que a integravam e reflectir um pouco sobre o significado desta presença na bordadura do Esteiro do Vale da Baixa lisboeta no período indicado, aproveitando-se para se divulgarem alguns elementos relacionados, resultantes das escavações arqueológicas de 1962 e até agora conservados inéditos.

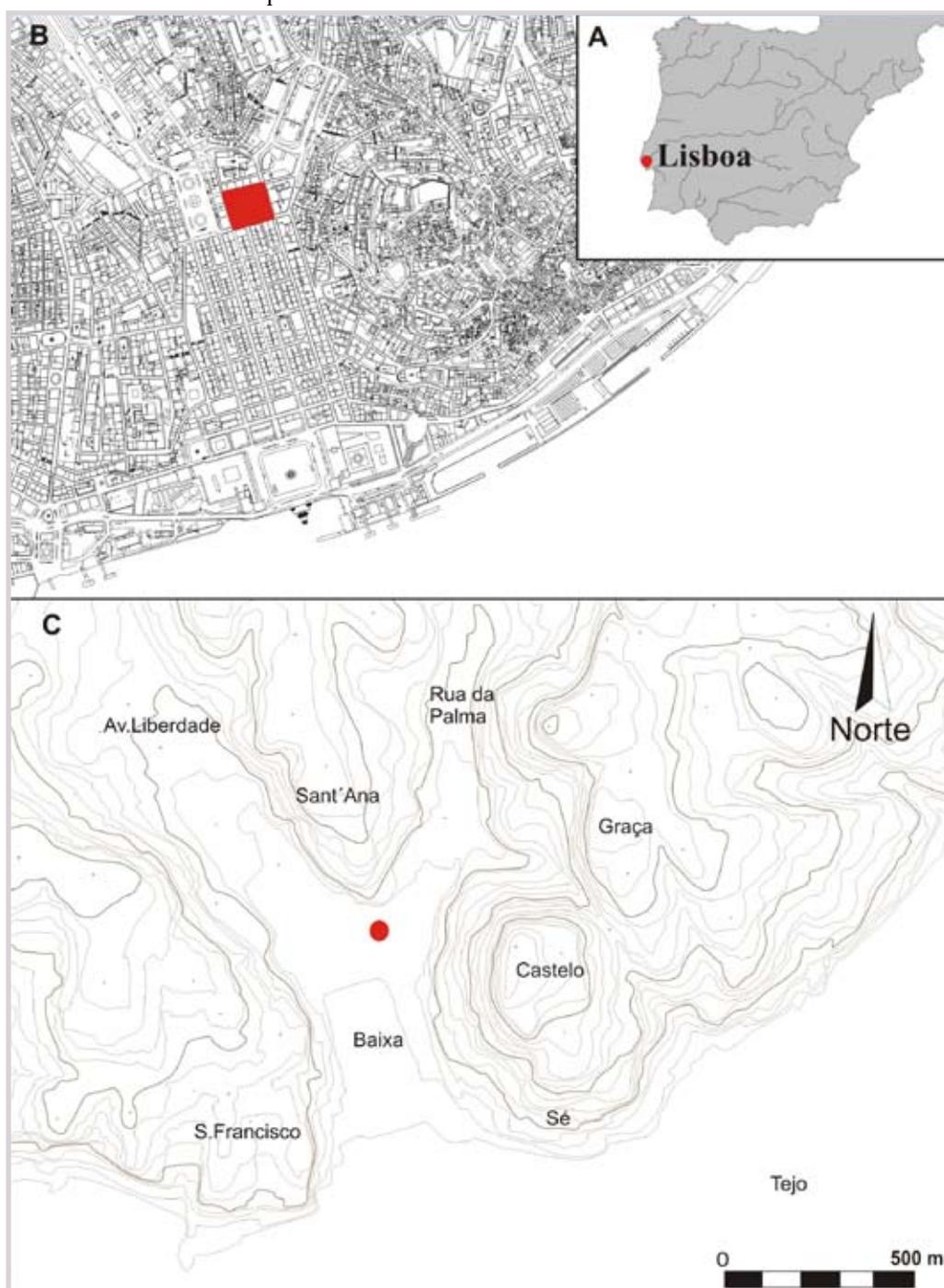
### 2. Aspectos de enquadramento paleotopográfico

A zona da actual Praça da Figueira está localizada na confluência da bacia de encaixe do Esteiro da Baixa, aquífero do Tejo formado no Quaternário, e das duas ribeiras hoje ocultas que nele desaguardam, a de Valverde (equivalente, em termos grosseiros, à Av. Liberdade) e a de Arroios (do mesmo modo hoje fossilizada nos alinhamentos da Rua da Palma e parte da Avenida Almirante Reis).

Uma primeira tentativa de entrever a dinâmica do enchimento do Esteiro foi feita por Brazão Farinha (1995). Mais tarde, em 1997, a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e o Museu da Cidade (Câmara Municipal de Lisboa) desenvolveram, sob a direcção de César Andrade, um projecto do âmbito das geociências financiado pelo extinto I.N.I.C., tendo como objectivo o estudo da diacronia de colmatação do aquífero, com atenção especial aos momentos históricos. Os resultados foram, porém, pouco difundidos, somente apresentados em relatório (ANDRADE, 1998).

O estudo dirigido por César Andrade concluiu que o Esteiro, com um vasto vale de encaixe, sofreu uma dinâmica de enchimento que decorreu ao longo dos últimos cerca de 20 000 anos, deslocando-se progressivamente de ocidente para oriente até datas históricas, quando a documentação disponível o localiza mais encaixado no sopé do morro de São Francisco da Cidade (Chiado) (Idem).

A única sondagem analisada, efectuada na zona do previsível antigo desaguamento junto do Tejo, revelou um hiato estratigráfico respeitante aos séculos de transição do II para o I milénio a.C., informação aferida através de séries de datações isotópicas (Idem). Este elemento poderá apontar para uma maior dinâmica do aquífero neste segmento temporal, ou imediatamente após este, que, respectivamente, ou não favoreceu a deposição aluvionar ou terá obliterado a previamente existente.

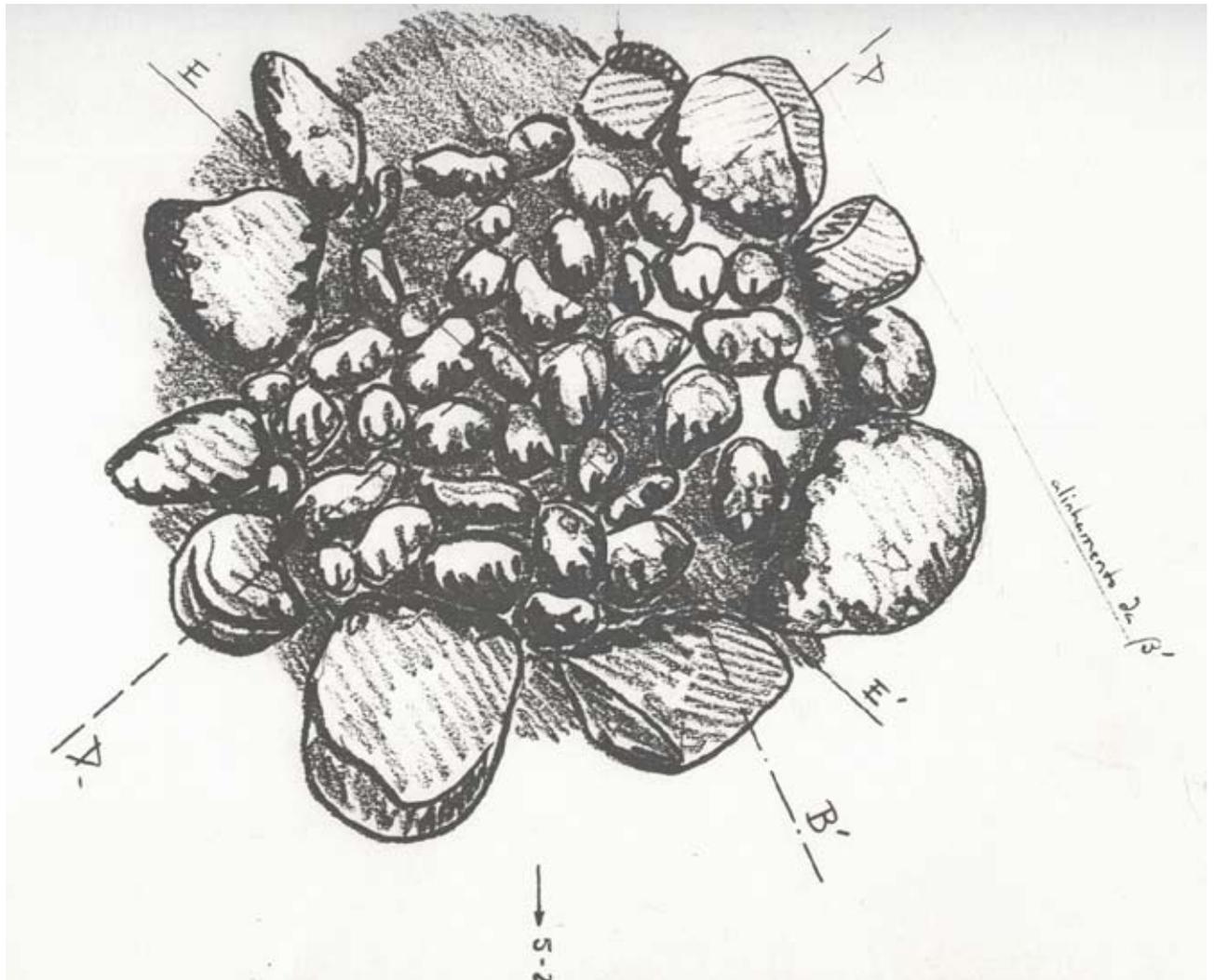


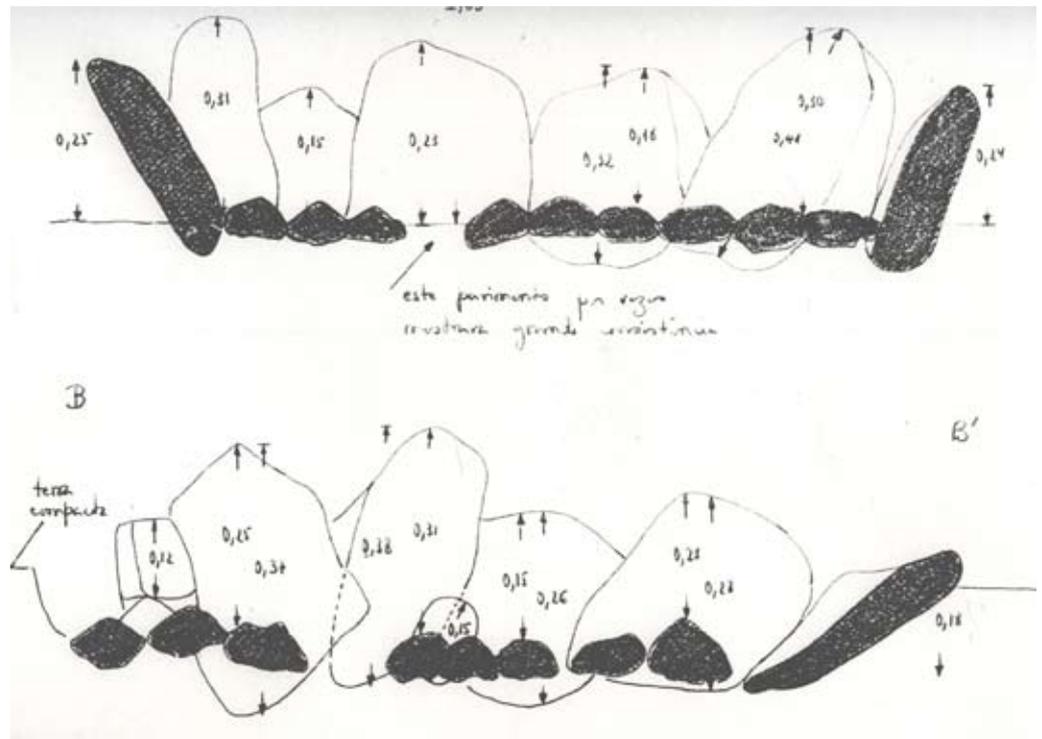
**Figura 1**  
 A) Localização de Lisboa na Península Ibérica; B) Implantação da Praça da Figueira na malha urbana atual de Lisboa, C) Localização da ocupação da Idade do Bronze Final na planta isométrica de Lisboa (curvas de nível atuais).

### 3. As evidências detectadas na campanha de 1962.

Em 1962, o prosseguimento das escavações sob os níveis funerários e viários romanos revelou, a apenas 15 cm abaixo da base do alicerce do muro de fachada (B') de um dos edifícios da necrópole (BRANCO, 1961; FERREIRA, 1962; SILVA, 2005 e 2012: "Edifício SE"), uma estrutura lítica ovalada, conservada inédita até à presente data: escavada até 30/03/1962 pelo próprio Bandeira Ferreira e por Maria da Conceição Oliveira Marques, Rodrigues Miguéis e José João Fernandes Gomes, foi descrita como composta por lajes (calcárias?), pouco espessas e encastradas no solo, a mais alta das quais com um máximo de 31 cm de altura medido acima do "pavimento" de pedra e argila endurecida (FERREIRA, 1962: 302 e 304; vide Figuras 1 e 2, *infra*); o seu diâmetro maior situava-se em torno dos 2 m. A ausência de outros elementos de caracterização torna difícil garantir hoje de forma categórica a sua funcionalidade original, sugerindo tratar-se de um fundo de construção (cabana?) de planta quase circular, embora outras hipóteses sejam admissíveis. Por outro lado, a circunstância de entre as escassas recolhidas que se conservaram no Museu da Cidade restar somente um fragmento de parede de cerâmica, com maior probabilidade datado da Idade do Bronze, justifica a sua referência aqui. A verificar-se estas identificações, a funcional e a cronológica, o contexto encontraria paralelo próximo nalgumas das estruturas da Idade do Bronze Final reveladas nas escavações da Tapada da Ajuda (Lisboa) (CARDOSO e SILVA, 2004).

**Figura 2**  
Perspectiva do "monumento pré-histórico" encontrado nas escavações de 1962 no subsolo da Praça da Figueira (segundo F. Bandeira Ferreira).



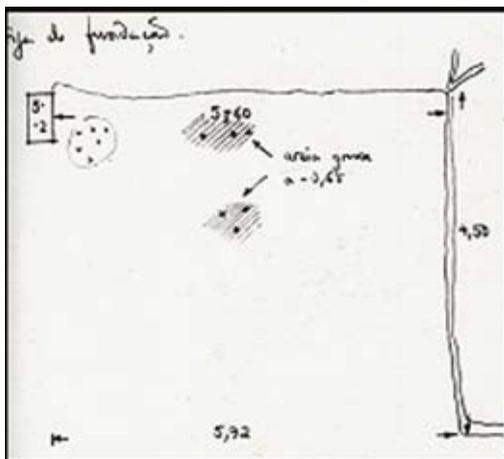


**Figura 3**  
Secções da mesma estrutura (segundo F. Bandeira Ferreira).

Referido como “monumento pré-histórico” no *Diário das Escavações* (FERREIRA, 1962), a estrutura situava-se no que foi designado como sector «B-NW-5-3-30». Esta nomenclatura, de aparente complexidade, reveste-se na realidade de um carácter prático e simples, por se compor pela designação «B», em referência ao monumento funerário romano aludido, «NW», remetendo para a localização no espaço em relação àquele, «5-3», menção que respeita, respectivamente, aos números de pilar e de fiada dos elementos arquitectónicos ainda hoje reconhecíveis na estação «Rossio» do metropolitano de Lisboa, e, por fim, «-30», cota relativa do rebaixamento, em planos aleatórios, medida a partir da base do alicerce do dito muro romano.

**Figura 4**  
Perspetiva de duas estruturas negativas (?) da Idade do Bronze, encontradas no sector «NW-5-2-30» das escavações de 1962 da Praça da Figueira (segundo F. Bandeira Ferreira- 1962: p. 312).

Em 1962, o prosseguimento da escavação na área contigua um pouco mais para oeste veio permitir identificar outros contextos ditos “pré-históricos”. Em «NW-5-2-30», com indicação adicional de «cotas 0,35 a 0,65 da viga de fundação» (do metropolitano), foram identificadas duas entidades definidas de forma difusa, que apresentavam uma planimetria de tendência ovalada, e uma composição (enchimento ?) de «areia grossa» (vide Figura 3, *infra*).



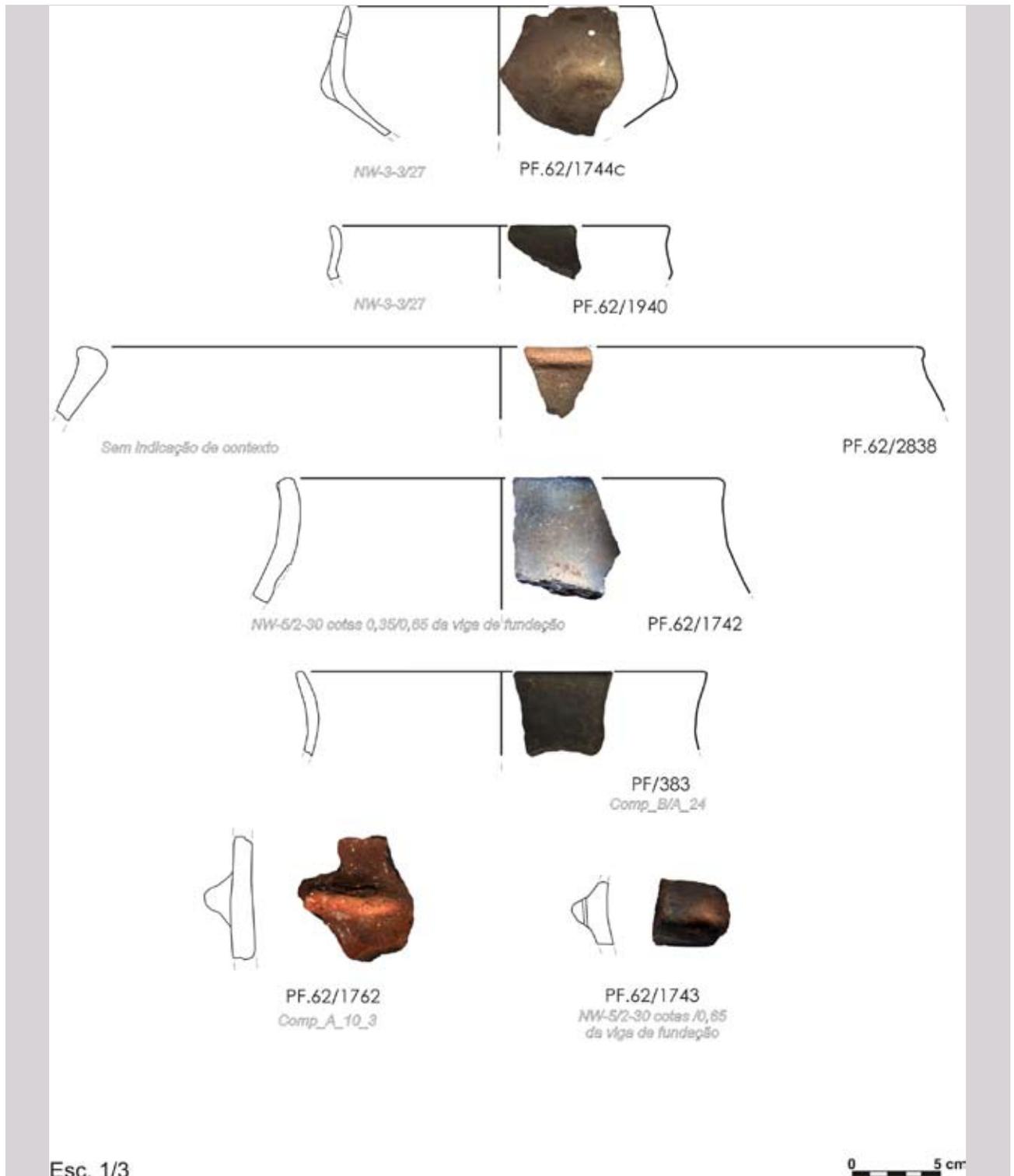
Embora mais uma vez de forma insegura, poderão tratar-se de indicadores da existência de duas estruturas negativas. Mas, e se os aspectos funcionais ficaram insuficientemente caracterizados, desta feita conservaram-se recolhas suficientes para lhes adscrever uma atribuição crono-cultural segura: um bordo de pote de colo de tendência vertical, um outro de taça de carena alta e um fragmento ostentando elemento de prensão perfurado (conf. Estampa , adiante), materiais que encerram afinidades óbvias com outros da região genericamente enquadráveis na Idade do Bronze Final (CARDOSO, 1990, 1996, 1997-1998, 2004 e 2011; BARROS, 1998; CARDOSO e SILVA, 2004; ...).

Figura 5

Localização relacionada dos elementos da Idade do Bronze Final identificados em 1962 com os detetados na campanha de escavações da Praça da Figueira de 1999-2001 e respetiva malha quadriculada das unidades de escavação.

A identidade entre as indicações das cotas relativas dos depósitos que continham estas cerâmicas permitem, em associação com a menção a outras ocorrências similares e com a do acima referido “monumento pré-histórico”, supor a sua contemporaneidade, entrevedo-se assim a identificação pelas escavações de 1962 de contextos variados equivalentes a uma ocupação da Idade do Bronze Final no subsolo da Praça da Figueira.





**Figura 6**  
Elementos cerâmicos atribuíveis à Idade do Bronze Final recolhidos na campanha de escavações da Praça da Figueira em 1962.

#### 4. As evidências identificadas em 1999-2001

Como se aludiu acima, na campanha mais recente efectuada na Praça da Figueira foram detectadas somente duas estruturas constructivas associáveis ao final da Idade do Bronze no quadrante NO da área intervencionada, a despeito da identificação de outros elementos, dispersos e com incidência exclusiva em âmbito próximo do referido espaço.

No que à sequência estratigráfica se refere, foi assinalada a presença de um potente depósito de areia amarelada micácea, de óbvia origem aluvionar, na qual ou assentaram os depósitos mais recentes ou se escavaram as duas estruturas negativas [8812] e [8970]. Estas areias amareladas equivaliam, segundo os dados observados nas unidades de escavação EF/7 ou I/4, a formações aluvionares originadas entre o III e o II milénio. A comprová-lo, no primeiro daqueles pontos da escavação, a um primeiro depósito seguiam-se estruturas naturais de drenagem associadas aos finos restos de um paleosolo. Colmatadas, continham no mesmo canal provocado pela erosão aquática quer um fragmento de vaso campaniforme com decoração do tipo “marítimo” ou “internacional” quer um bordo de uma tigela de bordo canelado, ilustrando os vestígios de presenças na zona ao longo de todo o Calcolítico. Cobrindo esta entidade, depositou-se um novo e potente aluvião de areias amareladas micáceas, em tudo similares às anteriores.

A referência aos canais de drenagem hídrica, estruturas erosivas de formação natural, merece um comentário particular. Com uma orientação dominante genericamente NE-SO, apresentavam um desnível discreto com este sentido, traduzindo deste modo o escoamento para um aquífero maior. Seria este o Esteiro do Tejo que percorria a Baixa, podendo deste modo entrever-se aqui a grande proximidade da sua margem oriental neste período? Ou, e em alternativa, existiria um braço de um delta resultante da confluência dos aquíferos mais a norte (Valverde e Arroios) com o dito esteiro? Os dados são, para já, manifestamente insuficientes a este respeito, embora merecedores de estudo mais aprofundado, por exemplo a partir das colunas estratigráficas recuperadas em 2000 e que se conservam desde então intocadas nas colecções da autarquia lisboeta.

De igual modo, ladeando a estrutura [8970], detectada em H/3, em H/2 identificaram-se restos mal conservados de um canal hídrico colmatado com o sedimento aluvionar [8955], similar ao encontrado no interior da estrutura mencionada. Também com uma orientação e pendente NE-SO, entrecortavam-no outras estruturas naturais idênticas, menos fundas e com uma orientação divergente, SE-NO, claramente mais recentes. Estes indicadores, é certo que discretos, deverão ser postos em relação com as repetidas referências no «*Diário das Escavações*», por Bandeira Ferreira (1962), à ocorrência do que lhe pareceu ter sido um leito fluvial, situável ao norte da área escavada em 1999-2001. No mesmo sentido foi o entendimento de Irisalva Moita, que publicou este dado observado em 1962, ilustrando-o com uma fotografia manuseada (MOITA, 1968). Assinale-se que no interior do canal aparentemente mais antigo de H/2 se recolheram líticos e cerâmicas compatíveis com uma cronologia da Idade do Bronze Final (vide *infra*).

Situar este aparente câmbio da fisionomia natural das margens do complexo hídrico do Esteiro neste local é, porém, tarefa difícil dada a paucidade dos dados (e a confessa impreparação do signatário nesta matéria). Parece forçoso, contudo, admitir uma dinâmica intensa de alternância entre momentos em que se verificou deposição aluvionar e outros em que, por via hídrica e/ou eólica, intensamente se obliteraram formações mais antigas.

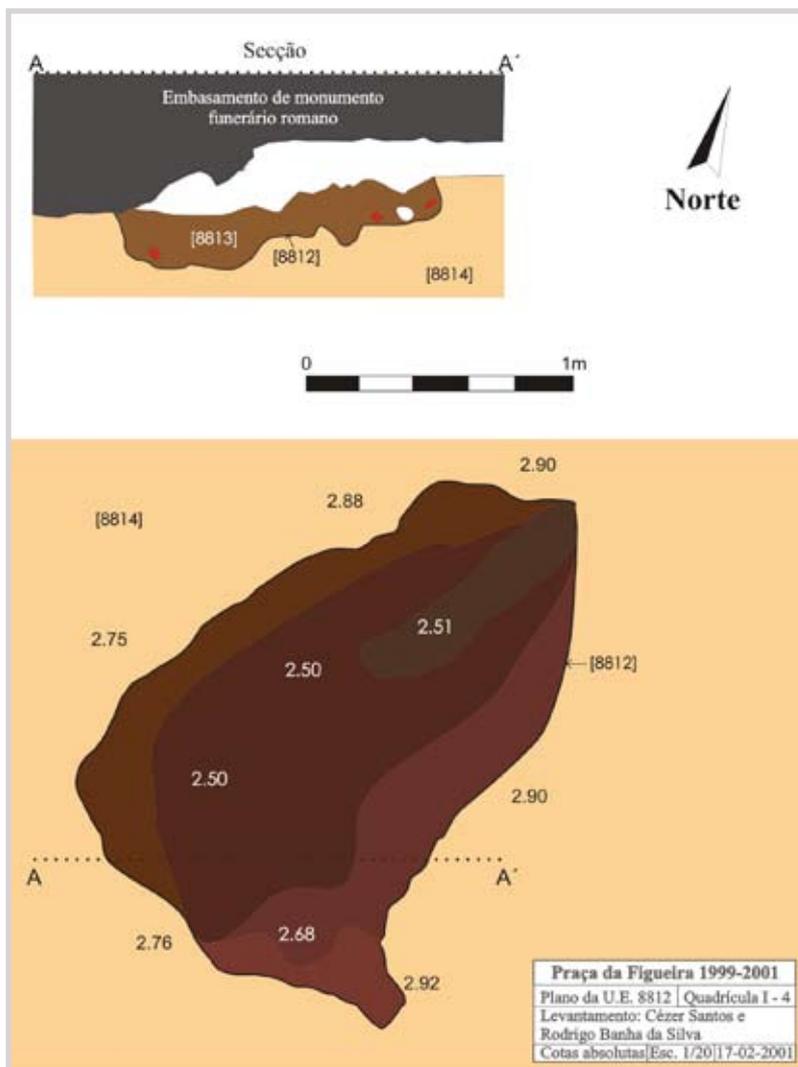
#### 4.1. A estrutura [8812]- unidade de escavação I/4

Estrutura de configuração subtriangular e de tendência ovalada, media cerca de 2,10 m de eixo maior por uma média de 1,05 m de largura. A parte inferior do seu interface era irregular, com algumas zonas sobreelevadas, denotando uma tendência de aprofundamento na sua extremidade NE. O seu topo original foi muito provavelmente afectado pelos acondicionamentos do espaço em meados do séc. I d.C. e pela instalação do embasamento quadrangular maciço de um monumento funerário romano, provavelmente em finais do séc. II d.C. ou já no séc. III d.C.

O enchimento de [8812] era composto exclusivamente por um depósito [8813]: de matriz arenosa, de coloração acastanhada e tonalidade escura, apresentava textura grosseira, compactidade mediana e era muito homogéneo. As inclusões maioritárias eram de cerâmicas, muito fragmentárias, sendo rara a macrofauna e líticos. A distribuição artefactual não acusava uma especial concentração em zonas ou cotas no interior de [8812].

Nas cerâmicas deverá destacar-se a presença de três fragmentos de “cerâmica de ornatos brunidos”, duas parede e um fundo de taças (Figura n.º 8, n.ºs PF.00/6857-32 e 31), integráveis no grupo do Tejo e datáveis genericamente dos séculos X-IX a.C. (VILAÇA e ARRUDA, 2004). Assinale-se que o fundo plano com decoração em retícula

Figura 7  
Levantamento gráfico do contexto [8812].



apresenta a particularidade de mostrar tonalidades avermelhadas da superfície externa, apesar de uma etapa inicial redutora na cozedura, aspecto que poderá encerrar significado cronológico (SOARES, 2005).

Os restantes recipientes mostram cozeduras predominantemente redutoras-oxidantes e elevada diversidade no tratamento de superfícies. Com um predomínio claro na frequência das formas fechadas, destacam-se os potes com bordos não espessados, arredondados ou sub-rectangulares, de colos verticais, convexos ou um pouco extrovertidos, nalguns casos com tratamento “a cepillo”, existindo exemplares cuidadosamente brunidos. Nas taças, e como é habitual no Bronze Final II, como o designou João Luís Cardoso em referência à zona do Vale do Tejo, os exemplares de maior dimensão são os mais comuns, com carenas médias ou altas. Registe-se, igualmente, o aparecimento de um elemento de prensão perfurado.

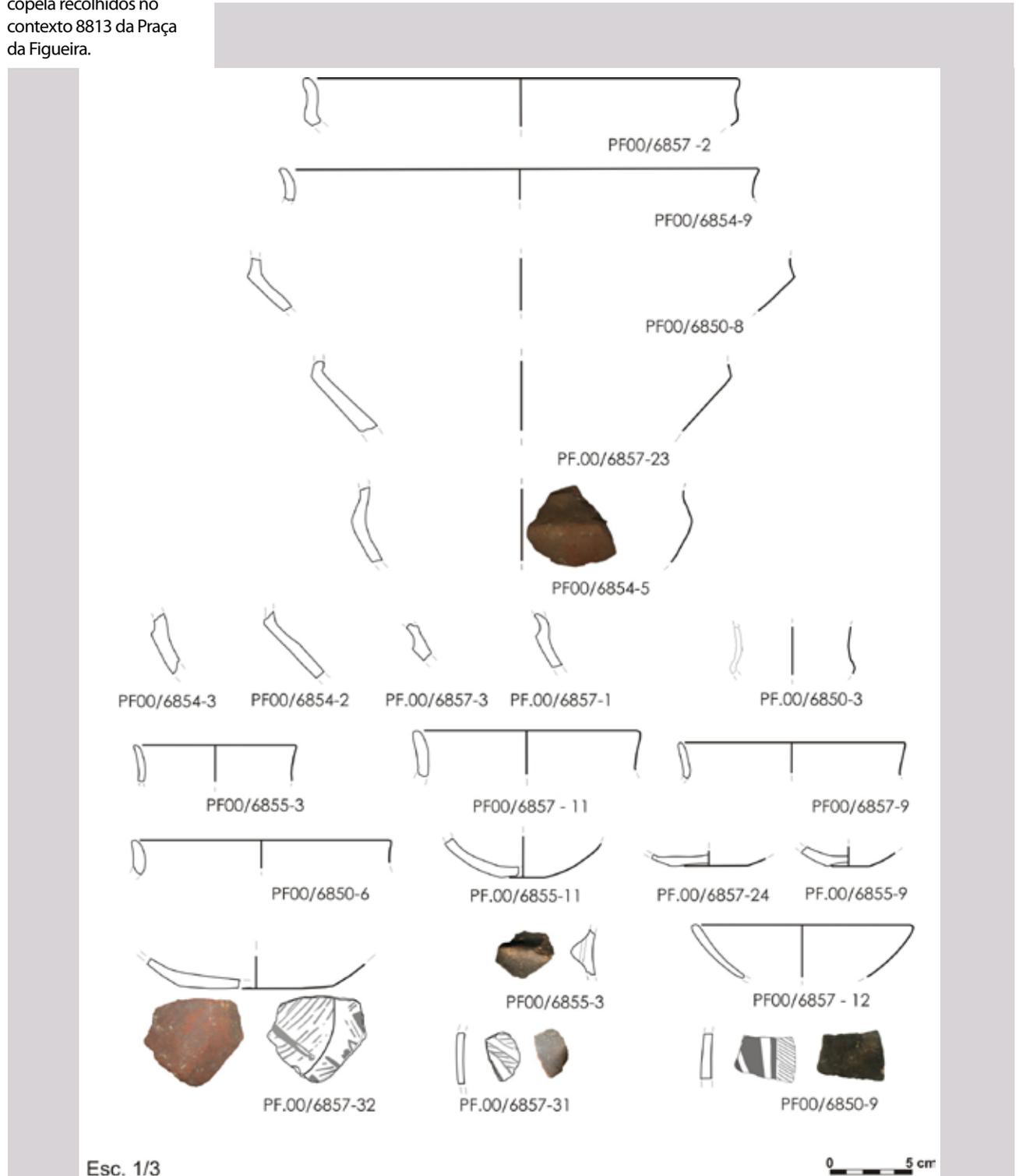
A utensilagem lítica associada ao contexto [8812] era composta sobretudo por subproductos de talhe de sílex

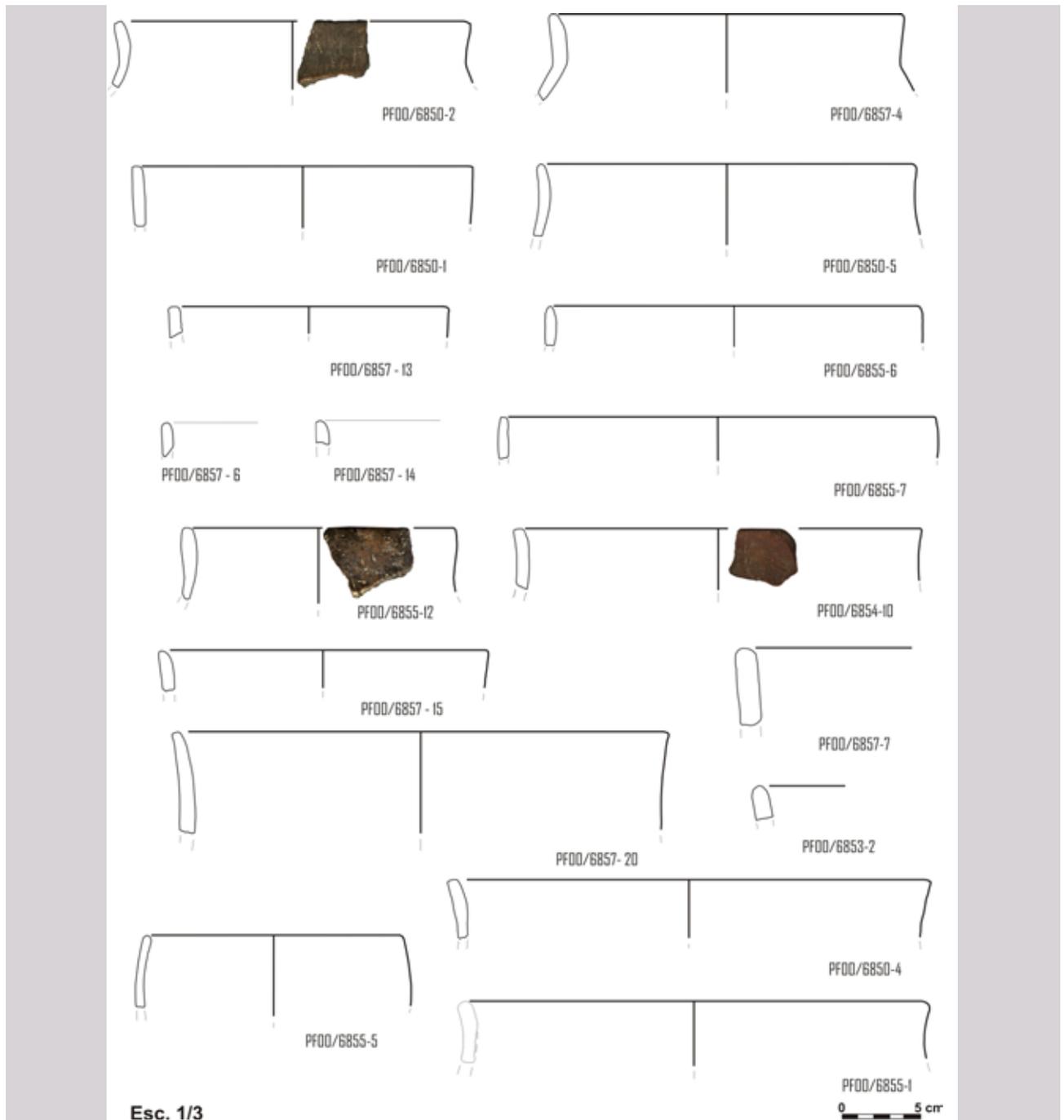
Figura 8

«Cerâmica de ornatos  
brunidos», formas  
carenadas ( taças de  
carena alta, média  
e baixa), elemento de  
preensão perfurado,  
çaçoilas de carena pouco  
acusada e possível  
copela recolhidos no  
contexto 8813 da Praça  
da Figueira.

(lascas, duas das quais corticais), e como artefactos somente dois elementos de foice com a característica pática brilhante na serrilha.

A fauna, muito escassa, era composta essencialmente por ovicaprinos (*ouis e ceruus*), estando também presente de forma vestigial *sus*. Os restos de fauna malacológica era mais comuns, embora muito fragmentados, tendo-se assinalado restos das famílias *oisteiridae*, *mytilidae*, *ueneridae*, como também *mytilus* e um caso de um elemento da família *pectinidae*.





**Figura 9**

Bordos de potes de morfologia variada (de secção arredondada, de tendência rectangular, espessados; bordos/ colos rectos, convergentes e um pouco extrovertidos) recolhidos no contexto 8813 da Praça da Figueira.

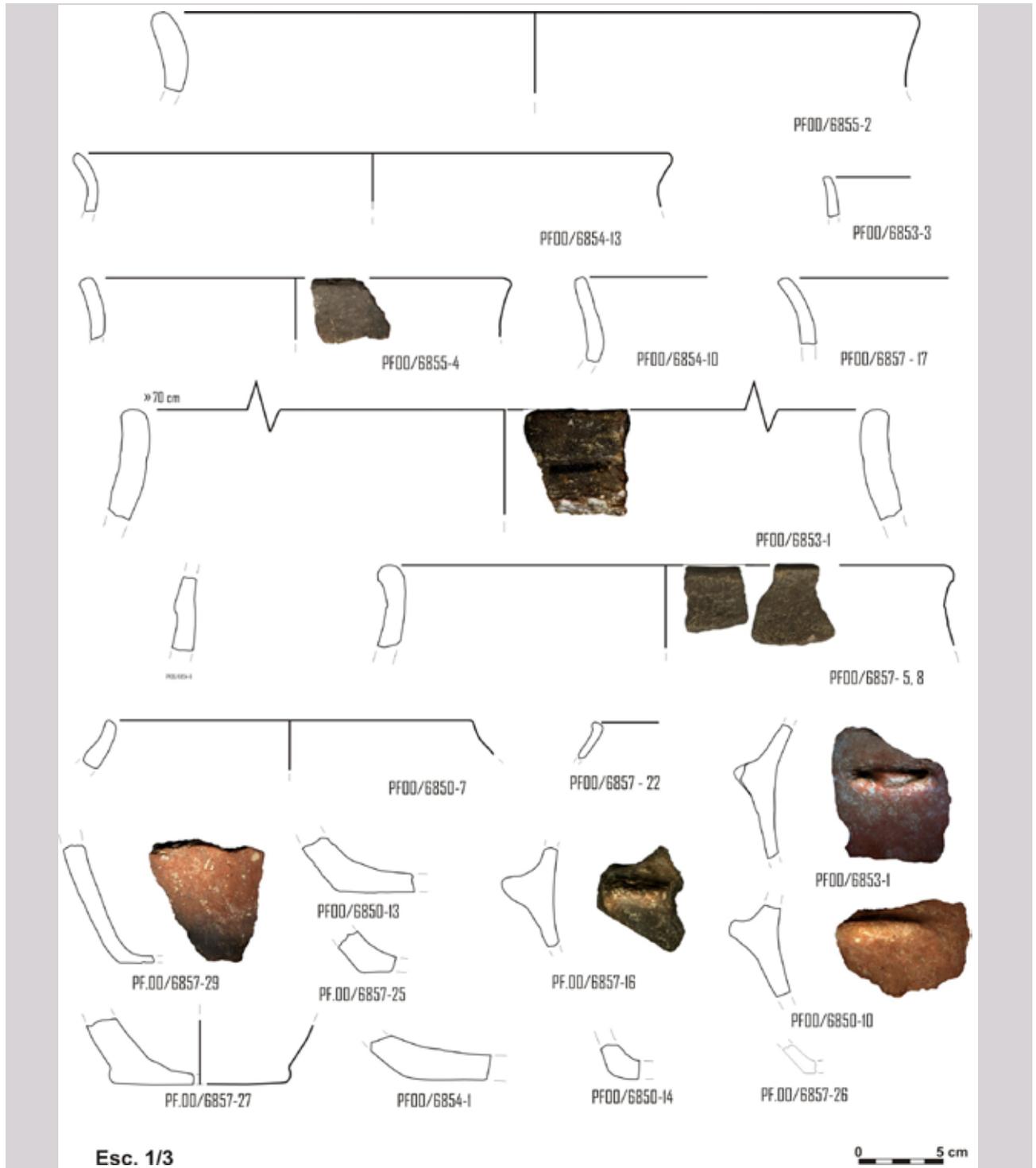


Figura 10

Potes de bordo extrovertido, potes isentos de colo, elementos de prensão, fundos rectos e ombro carenado recolhidos no contexto 8813 da Praça da Figueira.



Figura 11  
Utensilagem lítica e  
desperdícios de talhe  
do contexto [8812].



Figura 12  
Amostragem de  
evidências faunísticas  
do contexto [8812].

#### 4.2. A estrutura [8970]- unidade de escavação H3

Estrutura de configuração de tendência muito vagamente bi-ovalada, com uma bordadura muito irregular, de uma saliência subtriangular do lado setentrional e uma reentrância com a mesma morfologia no oposto, media cerca de 2,35 m de eixo maior por um máximo de 1,20 m de largura. A parte inferior do seu interface era, como a da estrutura anterior, irregular, com algumas zonas sobreelevadas, denotando um aprofundamento evidente na sua extremidade NE. O seu topo original foi afectado por erosão, manifesta na existência de um canal hídrico que a atravessava longitudinalmente.

O enchimento de [8970] era composto exclusivamente por um depósito [8971], com as mesmas características do de [8812] e de [8955]. Como naquela, a distribuição artefactual não acusava uma distribuição significativa, embora a maior parte dos artefactos tenha ocorrido na parte SO da estrutura, por ser a de maior profundidade.

Nas cerâmicas presentes em [8970] estava presente também um fragmento de fundo convexo de taça em “cerâmica de ornatos brunidos”. Ao contrário dos dois assinalados no interior da estrutura [8812], a cozedura do presente é integralmente redutora, e o desenho da decoração fez-se mediante o emprego de objecto mais afilado, gerando incisões evidentes. Também em contraste com aqueles, a decoração só se descirne mediante certas condições de luz.

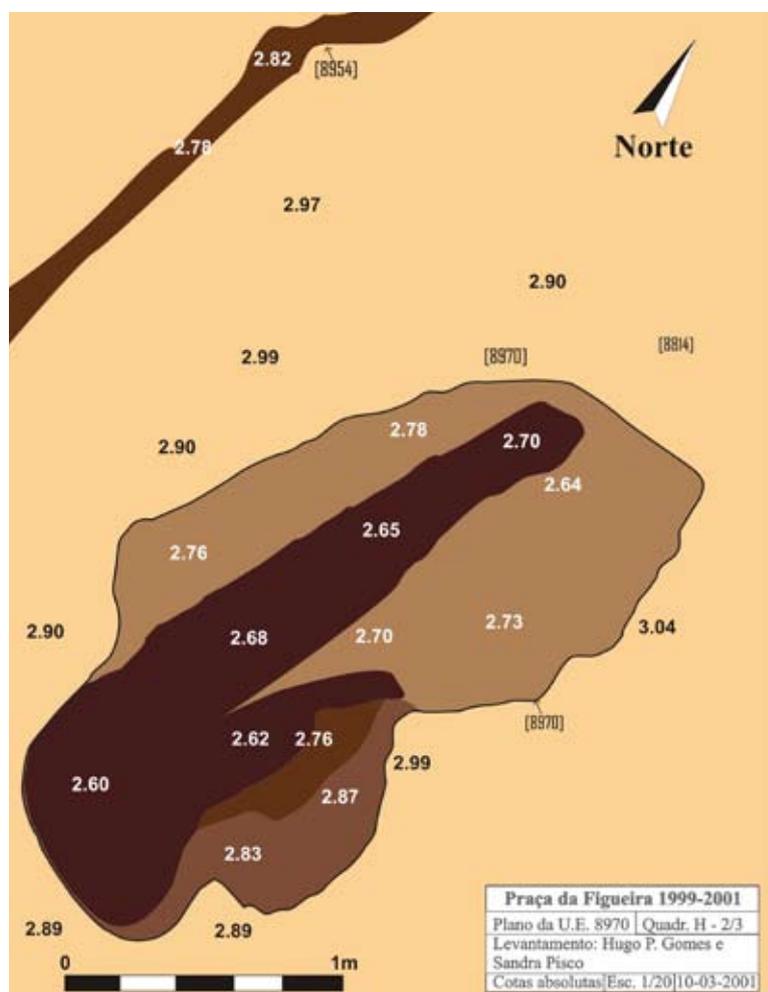
Embora a estrutura [8970] tenha uma área e uma potência superior seja superior à da sua congénere reconhecida pelas escavações de 1999-2001 da Praça da Figueira, o conjunto

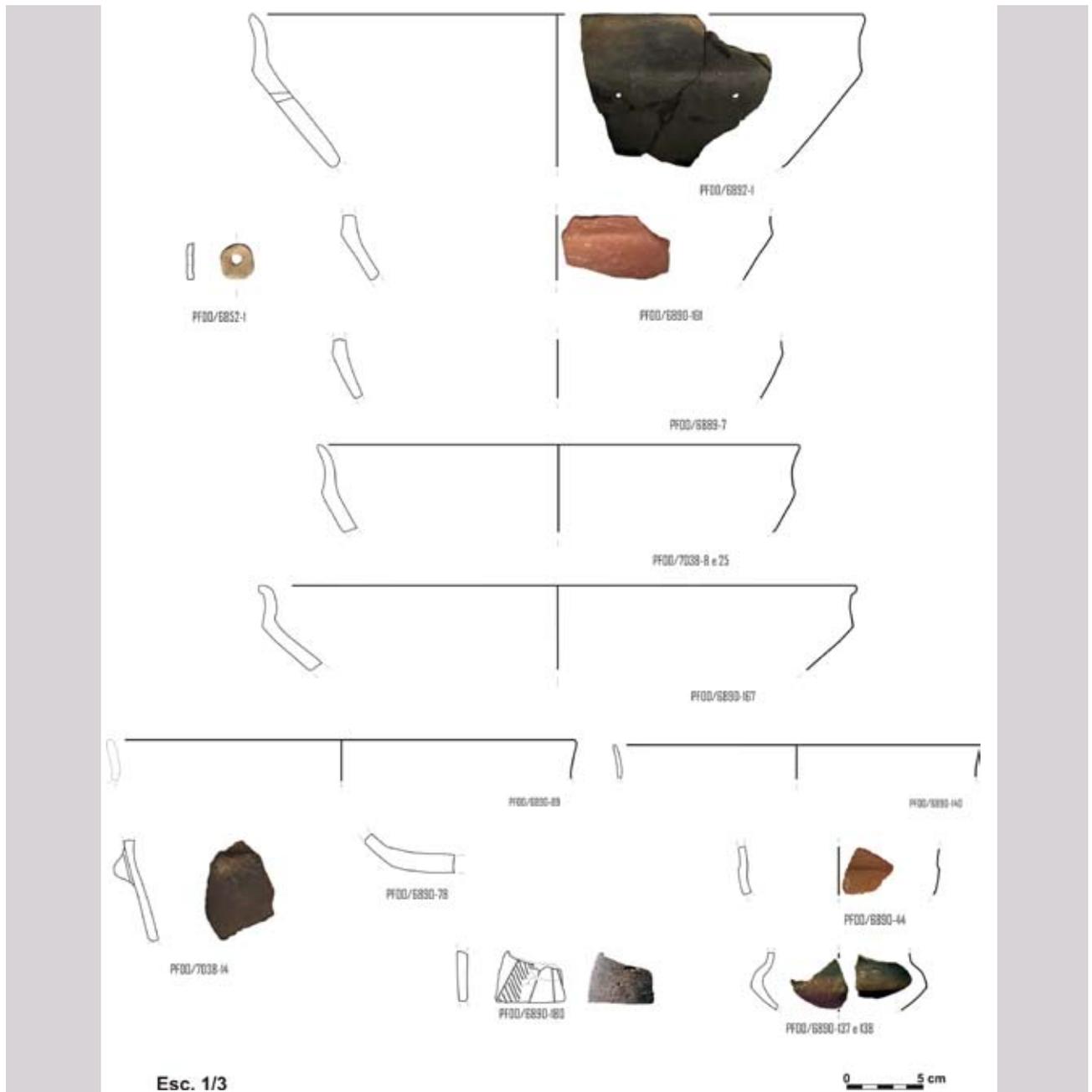
cerâmico é claramente menos numeroso. O perfil mantém-se, com a presença das mesmas morfologias de potes e taças, dos mesmos tratamentos de superfícies, incluindo cuidadosos alisamentos/brunimentos e grosseiros “a cepillo”, elementos de prensão e destinados à suspensão, mas é agora mais equilibrada a relação entre as taças de maior e menor dimensão, como entre os potes e estas formas abertas.

Também ao nível da utensilagem lítica o perfil se mantém, numericamente escasso face ao número das cerâmicas, embora aqui a relação de proporção com as estas seja relativamente maior: predominam de novo os restos de descorticação e talhe de sílex, desta feita contando com um núcleo exausto, e, entre a utensilagem assinala-se a presença de dois fragmentos laminares e de um elemento de foice.

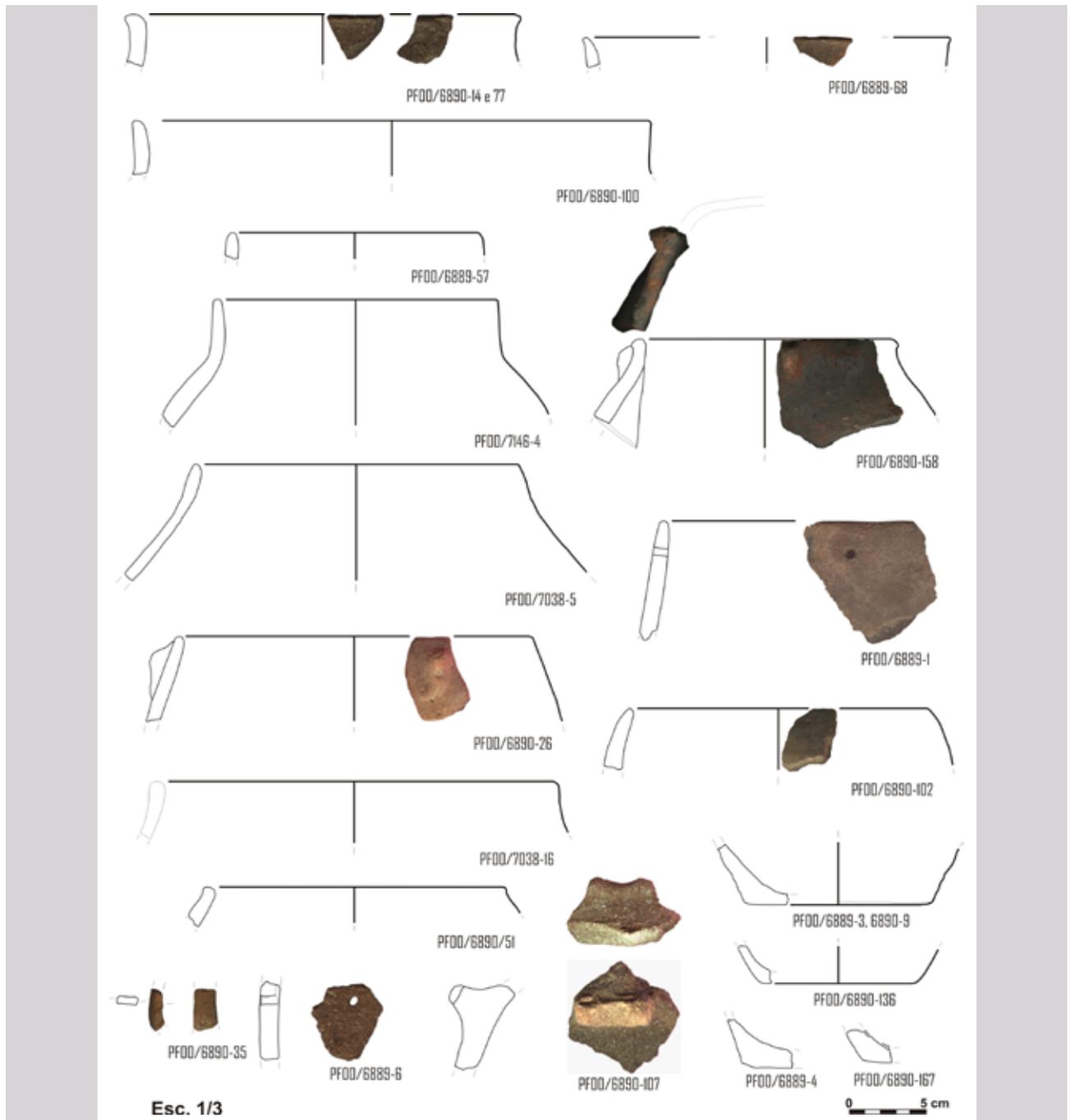
Das recolhas assinala-se a presença, muito rara, de macro-fauna mamalógica (ovicaprino e, com vincadas reservas uma omoplata de bóvido), como de escassa malacológica (das famílias *mitylidae*, *oisteridae*, *ueneridae* e *nassidae*).

Figura 13  
Levantamento gráfico dos contextos [8970] e [8954].





**Figura 14**  
 Elemento de adorno sobre calote discóide, «cerâmica de ornatos brunidos», formas carenadas (taças de carena alta e média), elemento de preensão, caçoila de carena média e pequeno pote de carena suave, recolhidos no contexto 8971 da Praça da Figueira.



**Figura 15**  
 Fragmentos de  
 potes, elementos de  
 suspensão e preensão  
 recolhidos no  
 contexto 8971  
 da Praça da Figueira.



Figura 16  
Utensilagem lítica e  
desperdícios de talhe  
do contexto [8970].



Figura 17  
Amostragem de  
evidências faunísticas  
do contexto [8970].



Figura 18  
Cerâmicas,  
utensilagem lítica e  
desperdícios de talhe  
do contexto [8854].

## 5. Considerações finais

Os elementos colectados em 1962 e 1999-2001 no subsolo da Praça da Figueira comprovam a existência de um assentamento no local. Esta presença, num local muito próximo a aquíferos, em zona completamente desprovida de proeminência sobre a paisagem envolvente, portanto sem condições naturais de defesa, vem acrescentar-se a outros sítios arqueológicos com características geográficas aparentadas do Estuário do Tejo, que compunham no final da Idade do Bronze tramas territoriais complexas, em articulação com locais proeminentes de evidente dominação sobre a envolvente (VILAÇA e ARRUDA, 2004; CARDOSO, 2004).

A comunidade ou grupo humano que formou o assentamento demonstrou, através dos elementos materiais colectados, o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis: a recollecção de espécies marinhas, disponíveis no Estuário do Tejo, a caça, mediante a presença de veado e, com reservas, de javali, a domesticação de animais, no essencial ovicaprinos e, através de dois testemunhos alvo de reservas, bovino e porco, mas também a agricultura. Os restos de talhe e debitage de sílex, por seu turno, poderão documentar o trabalho da pedra no local, devendo notar-se que estão presentes matérias primas distintas, disponíveis na região, evidência eventual dos intercâmbios internos das comunidades do Bronze Final da Baixa Estremadura. Na inexistência de qualquer elemento metálico assimilável, talvez se devam mencionar os hipotéticos restos de copelas PF.62/1733 (CARDOSO e CARREIRA, 1997) e PF.00/6857-12 como sugestivos da possibilidade da actividade metalúrgica no local.

Será a actividade agrícola a que requer uma pequena reflexão complementar: o expectável enquadramento do *habitat* numa zona seguramente húmida e alagadiça inviabilizava a prática de culturas cerealíferas, testemunhadas de forma categórica pelos elementos de foice recolhidos em [8813], [8971] e também em [8955]. Assim sendo, terá que se admitir para o assentamento do Bronze Final da Praça da Figueira um território de exploração mais vasto, que incluísse zonas planálticas calcárias próximas com aptidão para culturas de sequeiro, como as disponíveis nas zonas de São Francisco/Bairro Alto, Sant'Ana/Campo dos Mártires da Pátria ou Graça/São Vicente. Este elemento introduz algo de novidade nas leituras acerca das estratégias mais tópicas de ocupação da Idade do Bronze, onde João Luís Cardoso tem sublinhado, e bem, a preferência pelos solos férteis do manto basáltico lisboeta, bem patentes no povoado da Tapada da Ajuda (CARDOSO, 1997-1998, 2004, 2011; CARDOSO e SILVA, 2004) como nas explorações agrícolas de Funchal, Anços (CARDOSO, 1996b) e encosta do Alto das Cabeças (CARDOSO, 2006b), entre outros (ver cartografia em CARDOSO, 2004), a que se deverá agora acrescentar uma ocupação detectada na Travessa das Dores (Lisboa)<sup>2</sup>.

Importa, aqui, perspectivar a ocupação da Id. Bronze da Praça da Figueira no quadro das leituras acerca da génese do povoado depois nomeado *Olisipo*, inserindo-a nos entendimentos acerca do padrão de povoamento no final da Idade do Bronze no Baixo e Estuário do Tejo.

Estes vêm no essencial oscilando no que respeita à escala entrevista para os territórios: para Ana Margarida Arruda, entre outros, certos povoados de altura terão então assumido o seu papel de centralidade de vastas áreas, controlando outros de menor dimensão e os assentamentos desprovidos de condições naturais ou artificiais de defesa (ARRUDA, 1994; VILAÇA e ARRUDA, 2004); em sentido diverso, João Luís Cardoso defende uma muito maior fragmentação espacial, onde certos povoados em altura cumpririam essa

mesma função mas a bem menor escala geográfica, de que se poderiam citar o Castelo dos Mouros (Sintra) (CARDOSO, 1990, 1997-1998; 2004: 184), Cabeço Mouro (Cascais) (CARDOSO, 2004: 178), Cabeço da Amoreira (Odivelas), a que poderia porventura acrescentar, pela sua maior proximidade com o objecto de estudo, o Alto dos Sete Moinhos (Lisboa) (CARREIRA, 1995), embora com reservas. Estes povoados de cumeada controlaríamos, na última asserção, zonas regionais de amplitude variável ou outras de penetração para o hinterland, como os nichos ecológicos próximos de elevada riqueza e diversidade de recursos, compondo um mosaico mais complexo e de mais elevado número de distintas unidades socio-políticas (CARDOSO, 2004: 224-226).

Como vimos antes, as características locativas da ocupação da Idade do Bronze Final II da Praça da Figueira, de forma óbvia colocam o sítio numa outra categoria de locais, que incluem unidades de exploração agro-pecuária do tipo casal, como o da encosta do Alto das Cabeças (Cascais) (CARDOSO, 2006b), indefinidos como Funchal e Anços (Sintra) (CARDOSO, 1996b), ou Santa Sofia (Vila Franca de Xira), onde é evidente a convivência entre elementos de vincada filiação na Idade do Bronze Final com novos contributos orientalizantes (PIMENTA e MENDES, 2010-2011; PIMENTA *et al.*, no prelo). Este último sítio será, porventura, o que no momento melhor esclarece acerca da inexistência de fundamento para uma valorização da presença dos tipos cerâmicos forâneos baseada na componente social da comunidade em detrimento do factor cronológico, dado naquele caso tratar-se de uma comunidade seguramente “não-elite” e onde os influxos culturais vindos do Mediterrâneo Oriental e que atingiram o Vale do Tejo estão bem atestados.

No caso do assentamento da Praça da Figueira, a interpretação do sítio é tributária do que se vier a apurar dos estudos em curso sobre as ocupações da vizinha ocupação na encosta oriental do morro de Sant’Ana, onde parece notória a longevidade da presença humana, iniciada no Neolítico Antigo e que terá perdurado até ao Bronze Final (MURALHA, COSTA e CALADO, 2002), restando aferir o significado dos eventuais hiatos registados, como também da organização espacial e intensidade da presença humana deste sítio no período que aqui interessa. De qualquer das formas, parece constituir uma leitura simplista inferir desde já uma conexão entre ambos os pontos no sentido de as entidades reconhecidas em 1962 e 1999-2001 na Praça da Figueira constituírem uma mera extensão funcional do *habitat* supostamente complexo de Sant’Ana, para mais verificando-se implantarem-se em posições bem distintas na topografia e de estarem separados pelos cursos de água da zona.

Mais importante do que este último aspecto é, porém, a concentração da(s ?) ocupação(ões ?) nas encostas e sopé do morro de Sant’Ana, sobretudo se colocada em relação com o que se conhece no momento para a zona do morro e encosta meridional do Castelo de São Jorge.

Os dados referentes ao morro da antiga Alcáçova olisiponense mostram-se, como é sobejamente conhecido, pouco trabalhados e/ou difundidos. Ainda assim, e para a zona do Castelo de São Jorge propriamente dita, os trabalhos mais recentes da equipa dirigida entre 1996 e 2008 por Alexandra Gaspar e Ana Gomes, revelaram uma inexistência de contextos datados da Idade do Bronze Final que não pode deixar de se sublinhar. De facto, no *IV Congresso Peninsular de Arqueologia (Faro, 2003)* foi apresentada pela equipa mencionada uma comunicação oral sobre a intervenção que revelou as estratigrafias de mais recuada data descoberta ao longo dos sucessivos anos de escavação: as unidades de base proporcionaram a identificação de um contexto de acumulação detrítica onde pontuavam cerâmicas de fabrico manual ou a torno lento, com superfícies (e decorações?) brunidas e

morfologias carenadas, a par de cerâmicas bem depuradas elaboradas a torno rápido, cerâmicas de “verniz vermelho”, “cinzentas finas polidas” e exemplares de modelos tipológicos anfóricos de clara filiação oriental que foram originalmente remetidas para o séc. VII a.C. (GASPAR *et al.*, 2003), incluindo uma parede de ânfora com grafito pós-cozedura em fenício, elementos no seu conjunto mais tarde catalogados como do séc. V d.C. (de forma inexplicável- em exposição no Núcleo Museológico: SERRA, 2008).

Um pouco mais para sul, na encosta meridional do morro do Castelo de São Jorge voltada ao Tejo, publicou-se de uma intervenção na Rua de São Mamede ao Caldas n.º 15, sita acima da Sé, um contexto que incluía um acondicionamento da encosta e uma lareira. Entre os elementos colectados neste local avulta, de novo, um conjunto de cerâmicas de clara filiação oriental, incluindo ânforas, cerâmicas de “verniz vermelho” e “cinzentas finas polidas”, um fragmento de fíbula de dupla mola e um pequeníssimo fragmento parede de uma forma carenada comportando uma decoração brunida (PIMENTA *et al.*, 2005). A classificação deste último elemento dentro da família das “cerâmicas de ornatos bruniados” não é irrazoável, embora a reduzida dimensão do exemplar aconselhe alguma cautela dado não permitir descortinar a totalidade da gramática decorativa (Idem: 170, fig.7, n.º17). De novo foi para aqui avançada uma datação dentro do séc. VII a.C., embora seja admissível que quer este, quer o supra-citado contexto do grupo Desportivo do Castelo, encerrem cronologias um pouco mais recuadas, ainda dentro do séc. VIII a.C.

É este contraponto entre as ocupações detectadas nas encostas e morros do Castelo e de Sant’Ana que parecem relevantes para, no momento e com os dados disponíveis, tentar formular hipóteses de interpretação dos padrões locativos ali presentes na transição entre a Idade do Bronze Final e as etapas iniciais dos fortes influxos orientalizantes nesta área do Estuário do Tejo: até à Idade do Bronze Final II todas as evidências se concentram na área de Sant’Ana, em qualquer dos casos desprovidas de condições naturais de defesa e sem amplo controlo visual; por seu turno, a inexistência de elementos de segura cronologia mais recuada que os séculos VIII-VII a.C. na área do Castelo sugere que os contactos com o mundo oriental, fenício, se terão traduzido por uma ruptura nas estratégias locativas, verificando-se a eleição de um ponto dotado de singulares condições de controlo paisagístico que polarizou o povoamento, ou seja, parece ser dentro deste quadro que ocorreu a emergência do fenómeno a que hoje chamamos Lisboa.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, C. – *Relatório de Execução do Projecto «O enchimento do Esteiro da Baixa» em Época Histórica*. Lisboa, Fundação da Faculdade de Ciências (policopiado).
- ARRUDA, A. M. (1994) – A Península de Lisboa entre o Norte atlântico e o Oriente mediterrânico nos inícios do I.º Milénio a.C. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa. Eleta. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa'94, p. 52 - 57.
- BARROS, L. de (1998) – Introdução à Pré e Proto-istória de Almada. Almada. Câmara Municipal de Almada.
- BRANCO, F. C. (1961) – Problemas da Lisboa Romana. Vestígios de um cais ou de uma necrópole? In *Revista Municipal*. n.º 91. Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa, p. 61–75.
- BUBNER, T. (1996) – A cerâmica de ornatos brunidos em Portugal In *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* Lisboa. Instituto Português de Museus, p.66-72.
- CARDOSO, J. L. (1990) – A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo In *Estudos Orientais*. vol. I. Actas do Encontro «Presenças orientalizantes em Portugal. Da Pré-História ao Período Romano». Lisboa. Instituto Oriental. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 119 - 133.
- CARDOSO, J. L. (1995) – O Bronze Final e a Idade do Ferro na Região de Lisboa: Um ensaio In *Conimbriga*. vol. XXXIV. Coimbra. Instituto de Arqueologia, p. 33 - 74.
- CARDOSO, J. L. (1996) – Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra In *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. n.º 6. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, p.317-340.
- CARDOSO, J. L. (1997-1998) – O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros In *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. n.º 7. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, p. 169-177.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1997) – Contribuição para o conhecimento da ocupação Pré-Histórica de Lisboa: os Materiais da Praça da Figueira In *Olisipo*. II Série. n.º 5. Lisboa. Grupo Amigos de Lisboa, p. 7-12.
- CARDOSO, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de história regional* In *Estudos arqueológicos de Oeiras*. n.º 12. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2011) – *Arqueologia do Concelho de Oeiras do Paleolítico Inferior Arcaico ao séc. XVIII*. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARREIRA, J. R. (1995) – A ocupação pré-histórica do Alto dos Sete Moinhos (Lisboa) In *Revista de Arqueologia*. n.º 2. Lisboa. Assembleia Distrital de Lisboa, p. 41-49.
- GASPAR, A.; GOMES, A.; PIMENTA, J.; VALONGO, A.; MENDES, H.; PINTO, S. (2003) – Intervenção Arqueológica no Grupo Desportivo do Castelo (Lisboa). Comunicação oral apresentada ao *IV Congresso Peninsular de Arqueologia (Faro, 2003)*.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1997) – Contribuição para o conhecimento da ocupação Pré-Histórica de Lisboa: os materiais da Praça da Figueira In *Olisipo*. II Série. 5. Lisboa. Grupo Amigos de Lisboa, p. 7-12.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, I. M. da (2004) – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. n.º 7. fasc.1. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia, p. 227-271.
- FARINHA, J. S. B. (1995) – O Metropolitano e a Baixa de Lisboa, Condições Geotécnicas e Históricas. Lisboa. Metropolitano de Lisboa (Col. *Cadernos do Metropolitano*, n.º 1).
- FERREIRA, F. A. R. B. (1962) – *Diário das Escavações Sistemáticas na Praça da Figueira em Lisboa*. Lisboa. Junta Nacional da Educação (manuscrito- exemplar policopiado a partir de microfilme).
- MOITA, I. (1964-1966) – Hospital Real de Todos-os-Santos (relatório das escavações a que mandou proceder a CML de 22 de Agosto a 24 de Setembro 1960) In *Revista Municipal*. n.ºs 101-111. Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa.
- MOITA, I. (1968) – Achados de época romana no sub-solo de Lisboa In *Revista Municipal*. ano 19. n.º 116-117. Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa, p. 33 - 71.
- MOITA, I. (1993) – As escavações de 1960 que puseram a descoberto parte das ruínas do Hospital Real de Todos-Os-Santos In *Hospital Real de Todos-Os-Santos Séculos XV-XVIII. Catálogo*. Lisboa. Museu Rafael Bordalo Pinheiro, p. 20-22.
- MOITA, I. (1994) – *O Livro de Lisboa*. Lisboa. Expo'98. Lisboa'94. Livros Horizonte.

- MURALHA, J.; COSTA, C.; CALADO, M. C. (2002)** – Intervenções Arqueológicas na Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa) In *Almadan*. 2ª Série. n.º 11. Almada. Centro de Arqueologia de Almada, p. 245 - 246.
- PIMENTA, J.; SILVA, R. B. da; CALADO, M. (2005)** – Sobre a ocupação pré-romana de Olisipo: a I.A.U. da Rua de São Mamede ao Caldas n.º15 In *Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos (Lisboa, 2005)*. Lisboa: Uniarq - <http://www.museudacidade.pt/arqueologia/estonline/Publicacoes>
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2010-2011)** – Novos dados sobre a resença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira In *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. n.º18. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, p.591-618.
- PIMENTA, J.; SOARES, A. M.; MENDES, H. (no prelo)** – Cronologia absoluta do povoado de Santa Sofia - Vila Franca de Xira. Diferentes ritmos e distintos centros nas transições das sociedades da Idade do Bronze para a Idade do Ferro no Vale do Tejo In *Cira-Arqueologia*. n.º 2. Vila Franca de Xira. Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- SERRA, S. (2008)** – *Núcleo Museológico do Castelo de São Jorge*. Lisboa. Egeac.
- SILVA, R. B. da (2005)** – *As «marcas de oleiro» da terra sigillata da Praça da Figueira: um contributo para o conhecimento da economia de Olisipo (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, especialização em Arqueologia Urbana, orientada pelo Sr. Prof. Doutor Carlos J. Soares Fabião)*. Braga. Instituto de Ciências Sociais da Unviersidade do Minho (policopiado).
- SILVA, R. B. da (2012)** – *As «marcas de oleiro» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa (Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em História, especialidade de Arqueologia, orientada pela Sr.ª Prof.ª Doutora Rosa Varela Gomes)*. Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- SOARES, A. M. (2005)** – Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. vol. 8. fasc. 1. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia, p.111-145.
- VILAÇA, R.; ARRUDA, A. M. (2004)** – Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro In *Conimbriga*. vol. XLIII. Coimbra. Instituto de Arqueologia, p. 11-45.

---

#### NOTAS

- <sup>1</sup> Arqueólogo. Doutorado em História, especialidade em Arqueologia. CAL- Centro de Arqueologia de Lisboa - Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa. Professor Auxiliar Convidado do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- <sup>2</sup> Agradece-se a amabilidade da autorização da divulgação das referências à responsável pela fase inicial dos trabalhos no novo arqueossítio lisboeta em 2012, a Sr.ª Dr.ª Ângela Ferreira, como aos actuais responsáveis, a empresa Neoépica, na pessoa do Sr. Dr. Nuno Neto.